



**RELATOS SOBRE A EXPERIÊNCIA DE TRADUÇÃO DE
TRECHOS DA OBRA
A PHILOSOPHIE AFRICAINE DE LA PÉRIODE PHARAONIQUE –
2780-330 AVANT NOTRE ÈRE, DE THEOPHILE OBENGA**

**ANDRÉ LUIS LA SALVIA¹, JOVENEL SANTILUS² E
FABIANO BITENCOURT MONGE³**

RESUMO: Relato de uma experiência de pesquisa e tradução de trechos da obra *La Philosophie africaine de la période pharaonique – 2780-330 avant notre ère*, de Theophile Obenga, visando contribuir com a inserção dos estudos de matriz africana para o ensino de filosofia na educação básica. A experiência se deu através do programa PIBIC Ensino Médio, ao longo dos anos de 2020 a 2022, em uma articulação entre universidade e educação básica. Ao todo o projeto traduziu o prefácio, a introdução e os capítulos II, III, IV e VI da obra. Dado o formato relato desse artigo, escolhemos comentar e apresentar as temáticas do *Ontologia e Cosmogênese*, presentes no capítulo II. A importância dessa tradução é veicular obras que tratam da filosofia africana antiga no cenário filosófico e educacional brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: Filosofia africana, Período faraônico, Ensino de filosofia, Lei 10639, Theophile Obenga.

ABSTRACT: Report of an experience of research and translation of excerpts from the work *La Philosophie africaine de la Period Pharaonic – 2780-330 avant notre ère*, by Theophile Obenga, aiming to contribute to the insertion of African matrix studies in the high school. The experience took place through the PIBIC High School. program, over the years 2020 to 2022, in an articulation between university and basic education. In all, the project translated the preface, introduction and chapters II, III, IV and VI of the work. Given the format of this article's report, we chose to comment and present the themes of Ontology and Cosmogogenesis, present in Chapter II. The importance of this translation is circulate works that deal with ancient African philosophy in the Brazilian philosophical and educational scenario.

KEYWORDS: African philosophy, Pharaonic period, Philosophy teaching, Law 10639, Theophile Obenga.

¹ Professor Adjunto da Universidade Federal do ABC (UFABC). Doutor em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICMP) E-mail: la.salvia@ufabc.edu.br.

² Estudante imigrante (haitiano) cursando o Ensino Médio em escola pública na cidade de São Paulo. Iniciou o programa PIBIC EM Junior em 2019, junto a Universidade Federal do ABC (UFABC). E-mail: jovenelsantilus693@gmail.com.

³ Professor Coordenador da área de Ciências Humanas na rede de educação pública do estado de São Paulo. Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do ABC (UFABC). E-mail: fabianobitencourt85@gmail.com.

Ao longo da segunda metade do século XX, muitas pesquisas filosóficas e de história da filosofia procuraram fazer uma revisão crítica sobre os precursores da filosofia, as influências orientais e africanas na Grécia Antiga e sobre os egípcios. Martin Bernal (1937-2013), Cheik Anta Diop (1923-1986) e Téphille Obenga (1936) são apenas alguns dos nomes dessa empreitada teórica que buscou em documentos, textos históricos-filosóficos e achados arqueológicos, elementos para afirmar que a Grécia antiga foi colonizada e foi influenciada pelas culturas fenícias e egípcias (BERNAL, 2004) e que os egípcios eram negros (DIOP, 1989) – formando assim um amplo campo teórico que não mais justifica dizer que a filosofia nasceu na Grécia antiga, fato ainda comumente difundido no ensino médio brasileiro.

No caso de Obenga, sua obra *La Philosophie africaine de la période pharaonique – 2780-330 avant notre ère*, procura apresentar textos egípcios antigos traduzidos e comentados. O que possibilita o leitor atual problematizar a qualidade da filosofia desses papiros e inscrições em pedras e pirâmides entre outros monumentos históricos.

Desde 2003, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, diz que

Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o **caput** deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil. (Brasil, (art. 26-A)

Com a implementação da lei 10.639/2003⁴, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", o interesse para esta área de estudo tem aumentado o que nos leva ao problema da ausência de traduções para os textos apresentados acima. Por este motivo, o projeto original tinha como objetivo traduzir alguns trechos da obra de Obenga e contribuir para a inserção desses textos no ensino de filosofia do nível médio.

Com esse contexto, desenvolvemos junto ao programa Pibic Ensino Médio⁵. uma articulação entre a Universidade Federal do ABC (UFABC), um egresso de nosso mestrado profissional em filosofia (PROF-FILO) que é professor da rede pública de ensino de São Paulo

⁴ Lei que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. In.: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso 03/09/2021.

⁵ Programa de iniciação científica com a duração de 12 (doze) meses, destinado a alunos do Ensino Médio da Rede Público. Acesso em 23/02/2023: <https://www.gov.br/cnpq/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/programas/programas-ict/pibic-em>. Acesso em 03/09/2021.

e um aluno da educação básica (Escola Estadual Professora Etelvina de Goes Marcucci) um projeto de tradução de trechos da obra de Obenga, motivados pelo fato de que o aluno em questão é natural do Haiti e tem no francês sua língua de alfabetização. Esse contexto, permitiria que desenvolvêssemos a tradução em um contexto de inserção do aluno imigrante tanto na língua portuguesa quanto no contato com a pesquisa em uma universidade pública.

Em um primeiro momento, a pesquisa traduziu a dedicatória, o prefácio, a introdução e a seção subsequente chamada “Língua e escrita *egípcias*”. O livro de Obenga é uma obra bastante complexa, com mais de 500 páginas. Nesse sentido, por se tratar de um projeto com um ano de vigência, decidimos apenas traduzir um dos capítulos, o capítulo IV, que se chama “*Os Valores – A Ética*”, complementando assim uma primeira etapa do programa.

Em um segundo momento, no ano seguinte, dentro do mesmo programa de formação Pibic E.M., enviamos novo projeto com a proposta de traduzir os capítulos *II – Ontologia e Cosmogênese*, *III – Do tempo e do Céu* e *VI – Elogio da Intelectualidade*. Desse modo, o trabalho de tradução durou dois editais do programa, o que pretendemos aqui é relatar a experiência e apresentar um breve trecho traduzido, referente ao capítulo II, citado acima.

O capítulo se divide em quatro textos (“*Como o existente vem a existência*”, “*O nascimento do mundo segundo os filósofos de Menfis*”, “*A economia da natureza ou o grande hino a Aton*” e “*Os quatro excelentes fatos realizados por Rá no momento da criação*”), apresentamos a tradução de apenas um, porém tecemos comentários sobre todos os quatro. Através do texto, apresentamos o que os filósofos do período faraônico pensavam acerca do ser e de sua gênese, possibilitando que professores e alunos da educação básica possam incluir essas referências em suas temáticas e dinâmicas de aulas.

Aspectos teóricos do texto traduzido

No capítulo II que tem como título *Ontologia e Cosmogênese*, encontramos um dos pontos mais importantes da tese desenvolvida por Obenga e que tem impacto direto tanto na inserção da temática da filosofia africana na escola, quanto na necessidade de rever a originalidade grega da filosofia, comumente difundida. Este defende, através da tradução e comentários ao texto egípcio antigo, que não devemos apenas encará-los como sendo apenas religiosos, mas que eles seriam filosóficos por conterem questões essenciais da filosofia, como por exemplo a questão ontológica de “como o existente veio a existir?”.

Um segundo ponto da tese de Obenga, derivado desse, aponta que as concepções do período faraônico se perpetuaram em um modo africano de conceber a ontologia, ao encontrar

relações da concepção antiga com as ideias, por exemplo, dos Luba no Zaire e os Bushango no Congo.

Obenga apresenta a ontologia egípcia a partir da concepção da “Primeira Ocasão” como o momento em que o ser engendrou a si mesmo, a partir de si mesmo. O ser único que cria a si mesmo e a partir do qual toda a multiplicidade passa a ser criada é o primeiro ser, comparado aqui à *arché* (elemento primordial dos filósofos pré-socráticos). Ele é chamado de Noun,

é o princípio radical de todos os princípios, o fundamento de todos os fundamentos, mas em si infundado, uma espécie de trevas sonolenta (é necessário imaginar o *Noun*), de onde Rá (o Sol divinizado) surge para agir, fazer ser todas as formas da existência. (1990, p. 60)

Obenga também defende a partir dos textos faraônicos que este princípio criador, fundamento do ser é da ordem do racional, ao dizer que “A criação é uma ideia clara, nítida, distinta, consistência no criador, ele que é absoluto, amor, vontade e razão, força atuante, eficiência por excelência, mestre da totalidade” (1990, p.59).

Este trecho, traduzido e comentado, permite a Obenga afirmar duas teses capitais que valorizam nossa empreitada em apostar nesse texto como um fundamento para se pensar a introdução de uma filosofia africana no ensino médio. Suas teses são: primeiro, que estas concepções são altamente complexas e de fundo filosófico, porém é costumeiramente taxada como religiosa, e ao se fazer isso nega-se a filosofia a desse povo antigo. E a segunda é de que não apenas eles foram precursores nessa concepção filosófica da gênese do existente, como ela perpetua até atualidade entre os Luba e Bushongo, o que faz Obenga apostar em uma mesma macroestrutura cultural e psicológica como base para as civilizações africanas (1990, p. 62).

No documento histórico seguinte, “*O nascimento do mundo segundo os filósofos de Menfis (a Inscrição de Shabaka)*”, foi traduzido e comentado por Obenga e que fez parte do projeto de iniciação, mas que não está nesse breve relato. Porém, é importante destacar suas ideias principais, pois Obenga continua a desenvolver suas duas principais teses apresentadas acima. Sobre a primeira o autor afirma categoricamente:

A construção das pirâmides, a invenção do calendário de 365 dias, o código de valor com os livros de sabedoria ou de instrução, o caminho claro para o pensamento abstrato para apreender o Todo, tais são as façanhas extraordinárias a serem creditadas as primeiras dinastias do Egito faraônico. Desde o começo e início das realizações fundamentais, das invenções colossais, das obras sapienciais de um grande valor moral, das interrogações essenciais. (OBENGA, 1990, p. 71)

Além de enaltecer as áreas nas quais os egípcios antigos foram percussores, Obenga enaltece a característica racional do processo de cosmogênese:

Antes da Bíblia e o Alcorão, antes mesmo dos filósofos gregos, o antigo Egito tinha claramente concebido uma doutrina da Palavra, do Logos na instituição do real: “No antigo Egito, o demiurgo criou o mundo pronunciando os nomes das coisas e dos seres. A palavra soberana basta para constituir toda realidade pela mera declaração do nome (10).” (OBENGA, 1990, p.74)

E, na sequência, também volta a comparar o texto antigo, de dois mil anos antes de nossa era, com correntes de pensamentos encontradas hoje em dia na África, entre os dogon. Afirmando que

O filósofo francês Paul Masson-Oursel, espírito muito distinto, aberto a todos os esforços filosóficos da humanidade em toda sua diversidade cultural e biológica, histórica e geográfica, tinha razão de sublinhar que “a mentalidade negra” era “o pano de fundo da civilização faraônica (9)”. (OBENGA, 1990, p 72)

Trazendo, portanto, mais uma crítica aos etnógrafos e antropólogos que insistem em dizer que são civilizações orais, mas não da palavra enquanto razão, da palavra poderosa e criadora.

No texto seguinte, *A Economia da natureza ou o grande hino a Áton*, pertencente ao período de Amenófis IV-Aquenáton, lemos a passagem da ontologia para a Cosmogênese, no sentido de que o deus Sol passa a ser figura central e reguladora dos ciclos da vida. No texto traduzido e comentado, temos as inúmeras descrições das características do sol. Obenga afirma que

Lembramos, a partir de agora, que o pensamento faraônico é um pensamento solar, isto é, um pensamento que tentou compreender o Sol como vida, força e duração eternas, inseparável do destino do homem sobre este planeta Terra. Este esforço se apresentou, no nível do dito, na forma de mitos. Mas o pensamento está lá, rigoroso, exigente, na busca do Real e da Totalidade que vive este Real e que é este próprio Real. (OBENGA, 1990, p. 94-95)

Segundo o comentário de Obenga, o texto faraônico é riquíssimo em muitas áreas científicas. Por exemplo, afirma a força invisível da luz solar. Descreve elementos do relevo e que os humanos possuem uma relação ativa com ele. No reino vegetal, descreve de modo pioneiro a importância do sol no ciclo vital das plantas. E também na importância do sol no desenvolvimento embriológico dos animais. O texto ainda fala dos diferentes grupos humanos e suas línguas, assim como suas diferenças de cor de pele e de costumes.

No texto seguinte, *Os quatro excelentes fatos realizados por Rá no momento da criação*, voltamos a relação filosófica entre ontologia e Cosmogênese, na qual Rá, descrito como “princípio criativo do Noun” enumera suas 4 grandes criações: o ar, as águas (no sentido do Nilo), a igualdade e fraternidade entre os homens, e os líquidos (no sentido das lágrimas, esperma, suor, saliva).

E a partir da tradução da palavra lágrima, Obenga propõe que na concepção faraônica “os homens seriam parte do corpo do demiurgo”, o que representaria a seu ver um senso profundo de pertencimento à totalidade, englobando todos os elementos existentes. E novamente temos a defesa de suas teses principais: esse texto mais uma vez enaltece a capacidade de pensamento filosófico altamente complexo e não apenas uma mitologia ou textos religiosos, e que essa concepção de mundo antiga encontra ecos ainda hoje na África: “Os Negros-Africanos do Egito faraônico e de todas as Áfricas posteriores queriam sublinhar a unidade radical entre o homem e tudo que existe, “da menor parcela da terra ao universo”. (1990, p.100)

Os textos seguintes de nossa tradução referem-se a relação dos egípcios antigos com o tempo e a cosmologia. No primeiro texto do capítulo, Obenga trata do *O Tempo, Uma Norma Transempírica trata dos conceitos de eternidade, perenidade, ano, mês, quinzena, dia, horas, minutos*, evidenciando o quanto esses conceitos influenciaram as civilizações antigas. Por esse motivo, Obenga (1990, p. 109-110) afirma que

De acordo com algumas indicações que precedem, é fácil ver que os antigos Egípcios tinham um grande domínio do tempo mais que qualquer outro povo da chamada Antiguidade clássica. O conhecimento do céu (a astronomia), a construção das pirâmides, a mumificação dos mortos, o arcaico mito Osíris, período de renovação da força vital do Faraó, tudo isso reflete um pensamento puramente lançado à busca do tempo, do seu domínio.

Os egípcios antigos ainda trataram de outros temas ligados a cosmologia e contagem do tempo que impressionam pelo fato de serem os precursores dessas noções como da velocidade da luz, a duração do dia e da noite nas estações do ano, que para eles eram três – inundação, inverno e verão – levando novamente Obenga a acreditar na originalidade egípcia para dados astronômicos

É verdade que desde o meio do século IV antes da nossa era, os astrônomos gregos já especulavam matematicamente sobre as distâncias e as dimensões do Sol e da Lua, mas com menos precisão do que o relatado por este texto que data do reinado de Amenófis III (1408-1372 antes da nossa era: tempo de reinado) (OBENGA, 1990, p.118).

Para nós, através desses fragmentos, fica evidente a primeira hipótese de Obenga, a de que os egípcios são percursos de vários segmentos do conhecimento, enaltecendo assim a riqueza e complexidade da filosofia africana do período faraônico. A segunda hipótese, acerca de uma macrocultura africana que está presente em outras culturas no continente até os dias de hoje, não pode ser explorada mais a fundo pelo próprio Obenga, dado que o seu foco principal era apresentar os textos antigos e interpretá-los, na perspectiva de estabelecer uma tradição e uma autoreferência negra e africana para o pensamento humano, porém certamente nos convida a continuar a estudar e difundir a riqueza da filosofia africana.

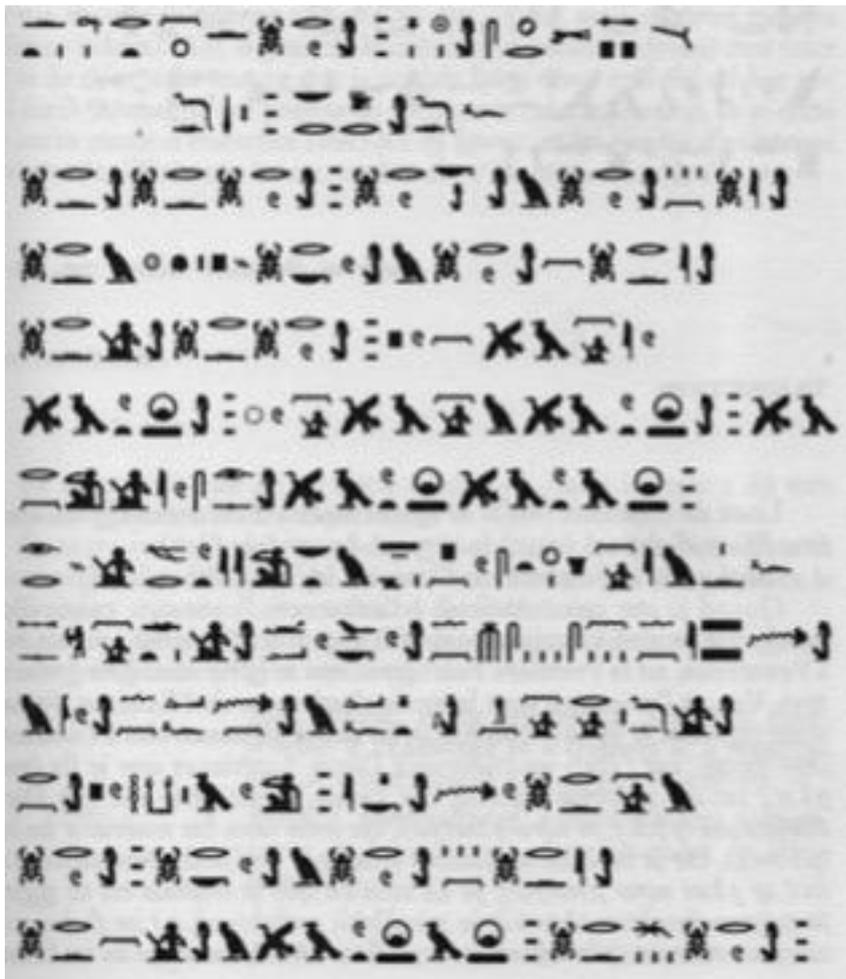
A tradução

O trabalho de Obenga com a sua tradução dos textos egípcios se dá com a apresentação dos hieróglifos originais, seguida pela sua tradução propriamente dita e, por fim, comentários acerca do texto.

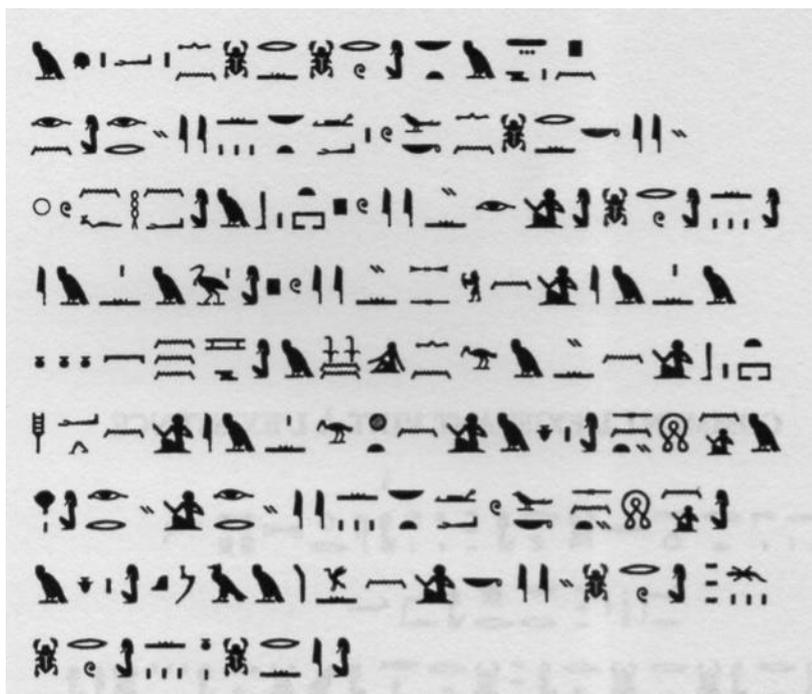
Para esse trabalho, traduzimos o texto francês de Obenga e respeitamos suas decisões acerca da transliteração dos hieróglifos. Obenga faz duas referências ao seu processo de tradução dos hieróglifos: na página 5 afirma que “os textos e as expressões hieroglíficas da obra foram compostas em computador com fonte a laser dos caracteres hieroglíficos AMONFONT por Cheik M’Blacke Diop, físico” (OBENGA, 1990, p 5). Outro momento na página 24 se trata do quadro que reproduzimos abaixo no qual noapresenta a correspondência entre o hieróglifo, a transliteração no alfabeto fonético internacional, o objeto representado e o som aproximado, sendo este último o que de fato usa em todo o livro.

Manteremos entre colchetes a paginação original da obra.

<i>signe</i>	<i>transli- tération</i>	<i>objet représenté</i>	<i>son approximatif</i>
	3	vautour égyptien	a
	i	roseau fleuri	i
	y	double roseau fleuri	y
	y	double trait oblique	y
	c	avant-bras	â, aa
	w	petite caille	w, ou
	w	abréviation hiératique de la petite caille	w, ou
	b	pied	b
	p	siège	p
	f	vipère cornue	f
	m	chouette	m
	m	côte de gazelle (?)	m
	n	filet d'eau	n



[56]



Papyrus Bremner Rhind, pp.69-70.

TRADUÇÃO

O livro de saber (*md3t nt rhj*) os modos de existência (*hprw*) de Rá (*nw R^e*) e de abater (assim) a serpente Apófis (*sfjr^e 3pp*).

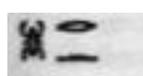
Assim falou o Senhor do Universo (*dd mdw Nb-r-dr dd.f*):

Quando eu me manifestei para existência, a existência existia (*hpr.i hpr hprw*). Eu vim na existência na forma do Existente, que veio na existência, na Primeira Vez (*hprw.kwi m hprw n(w) hpri hpr ms sp tpy*). Veio à existência sob o modo de existência do Existente, então eu existia (*hpr.kwi m hprw n hpri hpr.i*). E assim a existência veio à existência (*hpr hprw*), porque eu era anterior aos Deuses Anteriores que eu fiz (*pw n p3.n.i sw ntr p3wtyw irw.n.i*), porque eu tinha a anterioridade sob estes Deuses Anteriores (*p3.n.i m ntrw p3wtyw*), porque meu nome foi anterior ao deles (*p3 rn.i*), porque eu fiz a era anterior bem como os Deuses Anteriores (*isw iri.i sp p3wt ntrw p3wtyw*). Eu fiz tudo o que eu desejava nesse mundo (*irry.i mrwty nbt m t3 pn*) e eu me dilatei nele (*wsh.n.i im.f*). Eu amarei minha própria mão (*ts.n.i drt.i*), sozinho (*w^ei.kwi*), antes de eles [57] nasceram (*nn msi.sn*), antes de cuspir Shou e tossir Tefnut (*nn iss.n.i m Sw nn df.n.i m Tfnwt*). Eu me servi da minha boca (*ini.n.i r.i ds.i*) e Magia foi meu nome (*rn.i pw Hk3w*). Fui eu que vim na existência no (meu) modo de existência (*ink hpr.n.i m hprw*), quando eu vim à existência sob o modo de existência do Existente (*hpri.kwi m, hprw nw Hpri*). Eu vim (então) na existência na era anterior (*hpr.n.i m p3wt t3*) e uma série de modos de

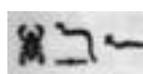
existências vieram à existência desde (este) começo (*hpr eš3 hprw m tp-e*), (porque antes) nenhum modo de existência não veio à existência nesse mundo (*nn hpr hprw nbt m t3 pn*). Eu fiz tudo o que eu fiz (*irī.n.ī irryy nbt*), estando sozinho (*w^ei.kwi*), antes que ninguém mais (que eu) se manifestou na existência (*nn hpr ky*), para agir na minha companhia nestes lugares (*irīw.n.f. hn^e.ī m bw pwy*). Eu fiz os modos de existência a partir desta força (que está em mim) (*irī.i hprw im m b3 pwy*). Eu criei no Noun (*ts.n.ī im m Nnw*), estando (ainda) sonolento (*m nni*) e ainda sem ter encontrado nenhum lugar onde me repousar (*nn gmi.n.i bw^efn^e.n.i im*). (Então) meu coração se mostrou eficaz (*3bt n.i ib.i*), o plano da criação se apresentou diante de mim (*sntt n.i m br.i*), e eu fiz tudo que eu queria fazer, estando sozinho (*irī.n.ī irry nbt w^ei.kwi*). Eu desenhei projetos no meu coração (*sntt n.i m ib.i*) e eu criei outro modo de existência (*km3.n.i ky hprw*), e os modos de existência derivados do Existente eram numerosos (*eš3 hprw nw Hpri*).

COMENTÁRIO

O manuscrito data do século IV antes do Cristo, mas o texto deve ter sido composto vários séculos antes. Este texto é eminentemente filosófico, com as grandes virtudes e receitas do entendimento que nada mais são que a lógica e a dialética, meios por excelência da Razão. O autor deste texto curvou-se ao severo “rigor do conceito”, assim que uma leitura atenta revela:



hpr, kheper, verbo intransitivo que significa: “vir à existência”, “mudar”, “transformar”, “ser efetivo”, “existir”, “ser”.



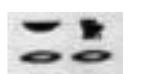
hpr-ds.f, kheper-dies.ef, “aquilo que veio à existir de si mesmo”: é epíteto do deus-sol, Rá;



hprw, kheperou, “forma”, “configuração”, “modos de ser”, “modo de existência”, “existe[58]ncia” (*hpr hprw, kheper kheperou*, “existência que veio a ser efetiva”, “a existência existia”);



Hpri, khepri ou kheperi, o Existente: o jovem deus solar na forma de besouro sagrado”;



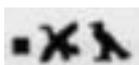
Nb-r-dr, Neb-er-djer, “Senhor de Tudo”, “Mestre da Totalidade”, “Senhor ou Mestre do Universo”;

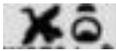


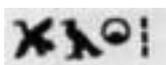
t3, ta, cóptico tǒ, “terra”, “país”, “mundo”;
m t3 pn, em ta pen, “em este mundo”; literalmente:
 “neste mundo”, isto é, o demonstrativo depois a coisa
 demonstrada. Semântico absolutamente negro-africano,
 bantu:
 antigo egípcio: *m t3 pn*; bantu-mbochi: *mo tse pfja (t3,*
tǒ, tse, se, si, mesma palavra); francês: en ce monde;
 inglês: *in this world*; o egípcio e o Mbochi são idênticos:
m/mo, tǒ/tse, pn/pfja.



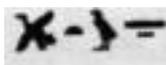
w^ei, wouâyi, “sozinho”, “único”. Não é sobre “solidão”,
 do “isolamento solitário”, mas do caráter único do Ser Um,
 da singularidade absoluta de Um Demiurgo. Em muitos idiomas bantu, *wo, wo-si,*
 significa: “um”, “sozinho”, “único”; variantes dialetos: *poo, mo, mo, i-*
mo-si, chi-mo, fi-mo, fo, mbo, o-mo: p>f; p>b>w; p>b>w;



p3(w), pa(ou), “ter feito no passado”, deve ser comparado de p3t(pat),
 *“antiguidade”. E nós temos: p3.n.i, pa.en.i, “eu era*
anterior”, “eu tinha a anterioridade”; p3 rn. i, pa ren.i,
“meu nome foi anterior” (rn, “nome”; cóptico: ran, rěn, lěn; bantu: rina,
lina, dina, ina, zina, “nome”);

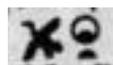


ntrw p3wtyw (noutě, nouti, “deus”, em cóptico), “os deuses
anteriores”, isto é, os deuses os mais antigos que existiram
 desde a origem;



p3wt tpt, “o começo dos tempos”;
 primordiais”;

p3wt, “os

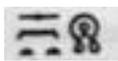


tempos

p3wty, paouty, “o Deus Anterior”;



m sp tpy, em sep tepy, “na Primeira vez”, “na Ocasão que vem primeiro”, “a
Primeira Vez”; sp tpy, sep tepy, “a Primeira Ocasão”, “a Criação”; [59]



snnt, senett, “plano”, “fundação”, “projeto”;



km3, kema, “criar”, “produzir”.

Desde que ele existia, o Existente traz à existência a existência: de maneira imediata, uma espécie de epifania repentina do ser na sua manifestação mesma. Para o Existente, ser é existir efetivamente. É para sua própria força (*ba*), sua própria energia, seu próprio movimento que o Existente veio à existência. O Existente se auto engendrado ele mesmo dele mesmo.

Ele é o Absoluto, aquele que existe por si mesmo, desde a origem, “estando sozinho” a ser, a existir antes dos próprios deuses do começo, antes da criação, antes das coisas desejadas por Ele mesmo. Ele está sozinho e é um para poder existir “na era anterior” (*m p3wt t3*) aos deuses anteriores (*ntsw p3wtjw*).

Da singularidade virá a multidão. Dialética de Um e de Muitos: “Os modos de existência derivadas do Existente foram muitos” (*âsba kfjperou nou Kfjperi*). O Existente faz ser os outros modos de existência pelo amor (*merouly: irry.i mrwty nbt m t3 pn*) e da sua própria vontade (iri, “fazer”, “querer” “agir”; iri.n.i irry nht), estando sozinho (*w^ei.kwi*), por seu próprio poder. O ser é absoluto; ele também é amor e vontade.

O ser é igualmente, e acima de tudo, razão: ele concebe projetos no seu coração (*ib*), isto é, em toda consciência e em toda lucidez. E quando a razão concebe tudo, o plano da criação então se apresenta diante o Único criador, diante da sua face (*m fjr.i*, “diante minha face”), em toda visibilidade, sem confusão. A criação é uma ideia clara, nítida, distinta, consistência no criador, ele que é absoluto, amor, vontade e razão, força atuante, eficiência por excelência, mestre da totalidade.

Os antigos Egípcios chamam a criação: “a primeira Ocasão” (*sp tpy*). É um evento que veio antes de todos os outros. Um primeiro evento, mas também radical, único no seu gênero, devido ao amor e vontade do próprio Existente, que tudo preexistia, absolutamente, uma espécie de Ancião dos anciões. Pela criação, a existência do Existente torna-se múltipla, abundante e diversificada. A criação é um evento geral que produziu tudo o que existe. Mas a criação não foi criada pelo demiurgo, que é anterior a sua ação, ou seja, anterior aos projetos e planos do seu coração, da sua bondade, da sua razão.

Obra inaugural, a criação também é como uma prova, uma demonstração da existência do Existente: “eu existo, então a existência existe”. Se manifestar na existência, pelo Existente, é fazer (*iri*) os outros modos da existência serem, é criar, produzir (*km3*). O homem dá então meios sensíveis ao demiurgo, que usa sua boca (*rö*), suas mãos (*drt*) seu coração (*ib*): o que é projetado do coração (lugar da inteligência, da razão, da percepção intelectual, nos antigos Egípcios) é dito pela boca. Assim, o começo [60] era a Razão, então apenas o Verbo. Antes de torná-lo concreto pronunciando o próprio nome (*rn, ram, lěn*) do que é chamado a ser, o demiurgo concebe primeiro aquilo que é pelo poder do verbo, a eficiência da palavra criadora.

Este texto importante é de um grande significado filosófico, de uma sutileza dialética real e faz pensar instintivamente, hoje em dia, na escrita filosófica heideggeriana. No entanto, em Heidegger, o fundo abissal (*abgründiger Grund*) onde reside a verdade é representado pelo

Nada, a indiferenciação absoluta. É a angústia, no filósofo alemão, que revela o Nada, e a essência do próprio Ser inclui desde a origem o Nada: “Na noite clara do Nada da angústia se mostra enfim a manifestação original do existente como tal (1).”

A questão do Nada é uma questão metafísica: a manifestação do Nada é surpreendentemente, e o filósofo a questionar “por que” para se liberar de “ídolos”.

Nos Egípcios da Antiguidade, o *Noun* é imaginado como existente, antes que o universo ordenado e organizado passe a existir depois que rá (consciência) se manifestou no *Noun* como “tornando-se”.

Nem Nada nem Caos, o *Noun* é o ser primordial a partir do qual tudo vai existir: o deus criador, o céu e a terra, os seres vivos, resumidamente o mundo global, visível e invisível. O *Noun* faraônico, é a causa, a razão, o fundamento. Nós pensamos, por uma simples comparação, a palavra *archè*, “fundamento, princípio”, no Aristóteles, que escreveu efetivamente: grego (2).

Tradução: “O que há de comum entre todos os fundamentos, deve ser o primeiro a partir do qual o ser, seja do tornar-se, seja do conhecimento.”

Arché, é então “o primeiro a partir do qual...”: é como o *Noun* egípcio, o fundamento e a razão de tudo o devir subsequente. É ao mesmo tempo a causa material, a causa formal, a causa eficiente e a causa final de tudo, dos deuses e dos seus criadores. O *Noun* não é Receptáculo e seu conteúdo como no *Timeu* (52d-53c): é indiferenciada absoluta, não tendo forma descritível, conhecível, mas o *Noun* faz ser Rá, e a existência existe a partir desta existência manifestada de Rá. De Rá, podemos dizer que é o deus-criador. De *Noun* de onde emerge e manifesta Rá, não sabemos muito: é o princípio radical de todos os princípios, o fundamento de todos os fundamentos mas em si infundado, uma espécie de trevas sonolenta (é necessário imaginar o *Noun*), de onde Rá (o Sol divinizado) surge para agir, fazer ser todas as formas da existência.

Então, no século IV antes da nossa era, os egípcios faraônicos [61] pensaram, com felicidade e delicadeza, a questão primordial de toda filosofia: “O que é?”, “Por que ser (o *Noun*) ao invés do nada?”, “O que pensar no assunto do ser absoluto?” Estas questões estão no cerne da reflexão filosófica.

A filosofia, no sentido próprio, foi então praticada no antigo Egito. Textos como aquele que acabou de ser lido, demonstra suficientemente. É o erro das exegetas de ter interpretado todos os textos egípcios importantes como documentos religiosos, deixados por seus autores para compreender sua religião. Do antigo Egito, nós falamos apenas de “religião” jamais de “filosofia”: o dano é atribuível apenas aos leitores dos textos egípcios. Os egiptólogos

africanos devem reagir contra esta tendência generalizada que pode derivar de um preconceito não reconhecido, no entanto perigoso. Os antigos egípcios pensavam o ser, a vida, a morte, etc. Não reduzem mais seus escritos importantes para a única dimensão “sagrada”, “religiosa”. Teremos bastante espírito crítico para compreendê-los de forma diferente, de agora em diante.

Tal pensamento altamente abstrato não é específico para o Vale do Nilo: ele se encontra igualmente na África negra profunda.

Este pensamento é prodigioso. Ele não só se perpetuou na África negra como nas sociedades secretas — verdadeiros círculos filosóficos — para grandes homens iniciados.

O Existente, diz o texto faraônico, veio à própria existência dele mesmo, de repente, e, e se fez existir enquanto tal. O Existente é o Primeiro a existir, o Ancião que é anterior aos Deuses Anteriores e faz tudo o que ele quer fazer, estando sozinho. Desde então, todos os modos de existência, multiformes, derivaram do Existente.

Este prodígio, aqui está palavra por palavra no texto iniciatório (filosófico) coletado com os Luba do Zaire:

No começo, de Todas as Coisas (do Universo), o Espírito Ancião, Maweja Nangila, o primeiro, o ancião e o grande senhor de todos os Espíritos que apareceram depois, se manifestou, sozinho, e por si mesmo.

Então, o primeiro, ele criou os Espíritos.

Ele os criou, não do jeito que ele criou as outras coisas, mas por uma metamorfose da sua própria pessoa, dividindo-o magicamente, e sem perder nada (3).

Maweja Nangila é o primeiro a existir, de si mesmo. Sozinho, da sua própria força, ele criou todos os outros deuses (espíritos) que irão existir depois. Esta criação dos espíritos “secundários” é uma metamorfose do próprio Maweja Nangila, assim como o Existente que cuspiu Shou e expectorou Tefnut e se serviu da sua boca e Magia (“*bekou*”) foi seu nome.

No vale do Nilo e nos Luba do Zaire, a manifestação do Existente na existência (por ele mesmo) e a criação, depois, dos outros espíritos ou deuses, procede de um mesmo esquema intelectual, [62] filosófico, metafísico, mesmo iniciático. Um tal parentesco é um parentesco radical, profunda, invencível atrás do tempo e o espaço. As coisas sérias de um povo — o povo negro africano — se perpetuaram necessariamente, de uma maneira ou de outra, dentro dos fragmentos sociais educados para isso.

Adicionamos a todo este comentário esta observação que nos parece capital. Do ponto de vista do simbolismo, o besouro sagrado egípcio, tão característico, intervém na criação do ser e dos seres: *kheper*, “estar, existir”; *kheper-djes-ef*, “aquilo que veio na sua própria existência”; *kheperou*, “modo do ser do ser”; *kheperi*, o ser, o existente”.

Então este besouro sagrado se reencontra em outro lugar no continente africano, com o mesmo valor simbólico, num contexto cultural e metafísico idêntico.

Este testemunho relevante de dois etnólogos conhecidos por sua paciência intelectual: “Uma caixa bem esculpida tem uma protuberância em forma de besouro, o inseto que foi criado em primeiro e que gerou os outros (...). Pode haver uma relação entre a importância que deram os antigos egípcios ao besouro e aquele que o atribuem a estes povos (...) da África. Já existem muitas aproximações a fazer nesse sentido de ponto de vista das práticas e das crenças religiosas (4).”

É sobre o besouro, as práticas e crenças dos Kuba (Bushongo) do centro do Zaire, muito famoso através o mundo pela delicadeza e grandeza da sua civilização ancestral: organização extensa de um poderoso reino, esculturas de alta qualidade (madeira, marfim), tecidos de veludos tingidos e desenhados com um gosto raro.

Da mesma maneira, o lagarto (*âsha*, em egípcio), a cobra (*djet*), o falcão (*bik*; Horus), o toro (*ka*), o leopardo (*aby*) cuja pele foi um costume sacerdotal, o hipopótamo (*khab*), o crocodilo (*meseh*), a víbora chifruda (*ef*), o abutre (*a*), o íbis, (*akh*, “espírito”: símbolo do Thot), a coruja (*em*), a abelha (*bit*; signo heráldico do Baixo-Egito), o jabiru (*Ephippiorbynychus senegalensis*) cujo nome egípcio é *b3*, *ba* (*ba* “alma”, parte essencial do ser humano na sua substância profunda, divina; *baou* “espíritos” “poderoso”), e enquanto outros seres da fauna africana, receberam também um tratamento simbólico, metafísico, religioso, transcendente, cosmogônico, nas outras civilizações negra-africanas do resto do continente fora da vale do Nilo egípcio-núbio.

Uma mesma macroestrutura cultural e psicológica é por assim dizer a base histórica de todas as civilizações do mundo preto africano.

Aqui está uma cosmogonia negro-africana que coloca em jogo os mesmos elementos: “No começo havia somente trevas, e que não existia nada, na terra, só água. Neste caos, Bumba, o Chembe, reinava sozinho. (...). Ele vomitou primeiro o sol, depois a lua [63] e depois as estrelas; foi assim que nasceu a luz. (...). E Bumba recomeçou a vomitar e desta vez ele deu nascença na seguinte ordem: ao leopardo, Koy Bumba; à águia-da-crista, Pongo Bumba; ao crocodilo, Gands Bumba; a um pequeno peixe, Yo Bumba; à tartaruga, Kono Bumba; à garça-branca, Nyanyi Bumba; a um besouro, e ao bode, Budi Bumba. Ele vomitou depois os homens. (...). Os animais que ele tinha criado desta forma empreendeu o trabalho de povoar o mundo. (...). Outro filho, Choganda, vomitou uma planta do qual saíram todos os vegetais... (5).

Nada estabelecido, edificado, no começo dos começos. Só da água (o *Noun*). O demiurgo (*Rá, Atoum, Chembe*), reinava sozinho, único, neste primordial não criado. Vindo de si mesmo por si só à existência, o demiurgo começou a criar todas as criaturas, que irão entrar então no ciclo evolutivo global criando por sua vez, através o tempo e o espaço, de outras formas de criaturas. É a criação continuada, até o fim dos tempos. Então, um universo em constante mudança, em incessante mutação. Um universo sempre ativo, sempre criador. Mas todos os elementos, todos os seres, todas as coisas, derivam necessariamente de formas anteriores únicas. Criação continuada na continuidade. O universo é um gesto imenso criador.

- (1) Martin Heidegger, *Qu'est-ce que la métaphysique?*, Paris, Gallimard, 1951, p. 34.
- (2) Aristóteles, *Metafísica*, Delta 1, 1013^a, 17 sq.
- (3) T. Fourche e H. Morlinghem, *Une Bible Noire*, Bruxelas, Max Arnold, 1973, p.15.
- (4) E. Torday e T.A. Joyce, *Notes ethnographiques sur les peuples communément appelés Bakuba, ainsi que sur les peuples peuplades apparentées. Os Bushongo*, Bruxelas, Annales do Museu do Congo Belgo, 1910, p. 213.
- (5) E. Torday e T.A. Joyce, *op. cit.*, p.20.

Fim da tradução

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DIOP, Cheikh Anta. *The African Origin of Civilization: Myth or Reality*. Chicago Review Press (1 de julho de 1989)
- BERNAL, Mantin. *Black Athena*. Free Association Books Ltd (29 de novembro de 2004)
- NASCIMENTO, Wanderson Flor do. Aproximações brasileiras às filosofias africanas: caminhos desde uma ontologia Ubuntu. *Prometeus. Filosofia em Revista*, v. 9, p. 231-245, 2016.
- NASCIMENTO, Wanderson Flor do. Entre a educação e a política: a colonialidade. *Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação*, v. 23, p. 444-458, 2014.
- NOGUEIRA, Renato. *O Ensino de Filosofia e a Lei 10.639*. Rio de Janeiro: editora Pallas, 2011.
- NOGUEIRA, Renato. O tabu da filosofia. In: *Filosofia (São Paulo)*, v. 1, p. 45, 2014.
- NOGUERA, Renato. A ética da serenidade: O caminho da barca e a medida da balança na filosofia de Amen-em-ope. *Ensaio Filosóficos*, Volume VIII – Dezembro/2013
- OBENGA, Theophile. *La Philosophie africaine de la période pharaonique – 2780-330 avant notre ère*. Paris: Harmattan, 1990.